



Série Ensino, Aprendizagem e Tecnologias

Socioeducação: Fundamentos e Práticas

Carmem Maria Craidy

Karine Szuchman

Organizadoras





UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO
GRANDE DO SUL

Reitor

Rui Vicente Oppermann

Vice-Reitora e Pró-Reitora
de Coordenação Acadêmica

Jane Fraga Tutikian

EDITORA DA UFRGS

Diretor

Alex Niche Teixeira

Conselho Editorial

Álvaro Roberto Crespo Merlo

Augusto Jaeger Jr.

Carlos Pérez Bergmann

José Vicente Tavares dos Santos

Marcelo Antonio Conterato

Marcia Ivana Lima e Silva

Maria Stephanou

Regina Zilberman

Tânia Denise Miskinis Salgado

Temístocles Cezar

Alex Niche Teixeira, presidente

Socioeducação: Fundamentos e Práticas

Carmem Maria Craidy

Karine Szuchman

Organizadoras

© dos autores
1ª edição: 2017

Direitos reservados desta edição:
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Coordenação da Série:
Laura Wunsch, Gabriela Trindade Perry, Tanara Forte Furtado e Marcelo Ferreira

Capa: Ely Petry
Projeto gráfico: Editora da UFRGS
Editoração eletrônica: Tiago Dillenburg

Esta obra é resultado do curso “Educação no Sistema Nacional Socioeducativo”, financiado pelo Ministério da Educação (MEC) e pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), ofertado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) através do Centro de Formação de Professores (FORPROF) no ano de 2014.

A grafia desta obra foi atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 1º de janeiro de 2009.



S678 Socioeducação: fundamentos e práticas [recurso eletrônico] / organizadoras Carmem Maria Craidy [e] Karine Szuchman ; coordenado pela SEAD/ UFRGS. – Dados eletrônicos. – 2. ed. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017.

265 p. : pdf

(Série Ensino, Aprendizagem e Tecnologias)

Inclui referências.

1. Educação. 2. Psicologia social. 3. Medidas socioeducativas. 4. Justiça. 5. Inclusão social. 6. Saúde. I. Craidy, Carmem Maria. II. Szuchman, Karine. III. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Secretaria de Educação a Distância. IV. Série.

CDU 37.017.4-053. 6

CIP-Brasil. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação.
(Jaqueline Trombin – Bibliotecária responsável CRB10/979)

ISBN 978-85-386-0364-1

O acompanhamento de adolescentes em cumprimento de medida: o PPSC na memória dos egressos

Magda Oliveira¹

Em 2012, sob a coordenação da professora Carmem Maria Craidy², deu-se início a uma pesquisa que pretendia verificar a situação vivida pelos adolescentes que cumpriram medida socioeducativas de PSC na UFRGS, entre os anos de 2009 e 2010, com especial atenção sobre o significado que a medida teve para cada um. Durante a pesquisa, a equipe teve a oportunidade de rever alguns adolescentes e ouvi-los sobre diferentes aspectos. A partir de um recorte da pesquisa, este texto pretende compartilhar algumas reflexões dos oito adolescentes entrevistados sobre a experiência de terem cumprido medida de Prestação de Serviços à Comunidade, no Programa de Prestação de Serviços à Comunidade da UFRGS – o PPSC – o que inclui lembranças sobre o acompanhamento, os educadores e as experiências vividas.

ACOMPANHAMENTO: AFETO, CONFIANÇA E DISPONIBILIDADE

Ainda que a discussão sobre a dimensão educativa da medida esteja restrita aos profissionais e estudiosos do campo socioeducativo, não escapou aos olhos dos adolescentes que a medida socioeducativa – em alguns espaços e para algumas pessoas – não passa de uma forma de punição. Tal ideia aparece claramente quando falam sobre as oportunidades que lhes foram oferecidas durante o cumprimento da medida, com consciência de que elas representam uma estratégia de acompanhamento do PPSC, para além da execução propriamente dita.

1 Pedagoga. Mestre em Educação pela UFRGS. Coordenadora do PPSC. Integrante da equipe do Programa Interdepartamental de Práticas com Adolescentes em Conflito com a Lei (PIPA), na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

2 A professora Craidy, professora titular aposentada Faculdade de Educação da UFRGS, foi a criadora do PPSC e coordenadora do Programa por mais de 14 anos.

É bem importante deixá destacado que assim... Tem lugares que o cara vai fazê comunitário e o cara só vai pagá a medida que tá devendo pra justiça. Aqui não. Além de tu vim pagá tua medida, vocês em si tentam resgata o adolescente - que nem vocês dizem, dão encaminhamento pro colégio, mostram curso aqui e ali. Isso aí é bom! (A.P.M)

A disponibilidade do adolescente aparece como elemento importante na construção das relações entre educador e socioeducando e no alcance das ações planejadas, considerando que a interação necessária ao processo educativo não se efetiva apenas por uma decisão do executor da medida. Quando perguntado se havia percebido alguma influência do trabalho do PPSC sobre sua vida,

PH.C.C. respondeu que estabeleceu uma relação superficial com a equipe, envolvendo-se pouco nas atividades: *Não porque eu não ía muito nos lugar. Vocês me convidavam pra ir no churrasco e eu (respondia) não. Tô sereno. Aí vocês me convidavam pra fazer os negócio e (eu respondia) não. Tô legal.*

Conforme Oliveira & Santana,

Fazer companhia a alguém pressupõe certa distância entre aquele que acompanha e aquele que é acompanhado, o que os coloca ao mesmo tempo juntos e separados. (...) O acompanhamento tem a importância, a duração e a intensidade que o acompanhado lhe concede. Não está inscrito no campo das determinações, pois aquele que acompanha só o faz mediante a licença daquele que é acompanhado. (2014, p.23)

O tempo necessário para que o adolescente estabeleça uma relação de confiança com a equipe difere de adolescente para adolescente. O momento vivido pelo adolescente o coloca mais, ou menos disponível para o estabelecimento de vínculo com a equipe: sua idade, a circunstância em que ocorreu o ato infracional e o seu julgamento; o nível de envolvimento com a prática infracional; o comprometimento da família com o seu desenvolvimento; a relação com a escola, etc. Dois anos após ter concluído sua medida no PPSC, PH foi internado na FASE, em virtude de nova infração, para o cumprimento de uma medida de meio fechado e seguiu sendo acompanhado pela equipe do programa. A relação estabelecida entre PH e o membro da equipe que seguiu no seu acompanhamento foi especialmente diferente da experiência vivida anterior-

mente, dessa vez, produzindo sentidos e perspectivas para P.H., em função de uma disponibilidade não alcançada no cumprimento da primeira medida.

AS OFICINAS SOCIOEDUCATIVAS: MOMENTO DE OUVIR, DIZER E APRENDER

Ao serem perguntados sobre do que se lembravam do período em que cumpriram medida socioeducativa no PPSC, todos os adolescentes/jovens entrevistados citaram as oficinas socioeducativas³ promovidas pelo programa. Os encontros foram lembrados inclusive pelo único jovem que não frequentou as oficinas na época: “Ah! Eu lembro umas vezes que tinha uns guris que faziam umas coisa lá, não me lembro quem é que fazia uns negócio lá” (P.H.C.C). Para aqueles que participaram assiduamente do encontro, aspectos comuns e particulares foram aparecendo sobre as atividades, os colegas e os educadores. As diferentes lembranças foram remontando a história do que vivenciaram no grupo evidenciando, por vezes, as próprias características da proposta que compõe a metodologia de execução da medida no PPSC.

Um dos aspectos bastante citado pelos adolescentes diz respeito ao “encontro” propriamente dito, à oportunidade de estarem juntos e de construir coletivamente, princípio que orienta o planejamento das oficinas socioeducativas. Estar com seus pares, é de fato algo muito importante para o adolescente: as amizades, as risadas, a “zoeira”, as brincadeiras, todos esses aspectos apareceram com força nas narrativas, às vezes, de forma saudosista.

Ah, o trabalho em equipe mais aqui. Tipo aqueles negocinho que a gente fazia de pintar, fazer os desenho e coisa e tal, todo mundo colaborando junto. (...) foi ver o trabalho em grupo que todo mundo tava fazendo. Não é que nem na escola que um fica fazendo e todo mundo fica olhando. É. É triste no colégio”. (C.B.F)

A possibilidade de aprender algo e/ou de realizar algo, também aparece na fala dos adolescentes ao recordarem as oficinas. Alguns afirmam que ao invés

³ As oficinas socioeducativas constituem-se como uma estratégia de acompanhamento coletivo dentro da metodologia de acompanhamento do PPSC. As atividades são desenvolvidas semanalmente no PPSC e reúnem todos os adolescentes que cumprem medida na UFRGS. A participação nas oficinas é a porta de entrada no Programa. Depois de três participações o adolescente é encaminhado ao setor e a continuidade da participação nas oficinas passa a ser uma escolha do adolescente. Ver mais em: FLORES, P; CHAVES, T. Oficinas Socioeducativas. In: LAZZAROTTO, G.D.R. (et al.). Medida Socioeducativa: entre A & Z. 1. ed. Porto Alegre: Evangraf, 2014, v.1, p. 178-180.

de estarem na rua, ou em casa dormindo, estar nas oficinas era uma alternativa importante, seja pela oportunidade de falarem de si mesmos e de escutar o outro, ou pela realização de atividades mais práticas⁴: “Ah, legal, tenho até hoje a camisa que eu fiz, minha mãe que usa agora. (M.A.M.C)”. O encontro, cuidadosamente descrito por alguns, é lembrado pela conversa, pelo diálogo, que ora aparece entre adolescente e educador e ora aparece entre o adolescente e seus pares. Falar sobre si, sobre as coisas que vivia, são aspectos presentes na história que contam sobre as oficinas.

Entre 2009 e 2010, os educadores responsáveis pela oficina abriam o encontro com uma rodada de conversa, onde cada adolescente contava para o grupo sobre o que viveu enquanto deslocava-se para o PPSC, com detalhes que incluíam: como e a que horas acordou; o que viu; o trajeto do ônibus até chegar à UFRGS, e tudo o mais que julgasse relevante. O *trajeto*, como era chamada a atividade, ficou na memória da maioria dos entrevistados.

(...) nem tomava café, já acordava e já saía olhando pra tudo, saía no portão, olhava pra rua via quem tava descendo, cuidava no ônibus se o motorista tava de bom humor, via se tinha espaço pra mim sentar. Pra chegar aqui na UFRGS e explicar o trajeto. Gostava também que tinha umas artes pra fazer, eu desenhava numas madeiras, que eu fazia o desenho mais bonito, os nego se matando. (F.C.C.)

A oportunidade de compartilhar aspectos do seu cotidiano e da sua rotina, numa roda de conversa composta especialmente por outros adolescentes, parece ter atribuído importância às vidas que compuseram aquele espaço/tempo, o que explicaria o *trajeto* ter sido citado por todos os adolescentes entrevistados que frequentaram as oficinas naquele período: “Eu curtia, era tranquilo... daí eu me lembro até hoje”. (L.B.)

Visivelmente, a oficina consolidou-se como espaço de respeito e diálogo entre os participantes. A conversa que “rola” e as diferentes “verdades” que coabitam o ambiente são tomadas pelos educadores como conteúdo de reflexão e a partir da problematização do que os adolescentes afirmam, vão garantindo que as verdades sejam reexaminadas. As afirmações são transformadas em interrogações sobre a vida, a morte, o tempo, as certezas, os medos, e os adolescentes vão tentando respondê-las a partir das suas próprias experiências e isso

4 Em 2009, os adolescentes aprenderam a utilizar a técnica do estêncil produzindo estampas para suas próprias camisetas.

faz com que divirjam, duvidem e estranhem. A oficina, então, vai se afirmando como espaço possível, seguro e que inspira confiança. F.B., um dos entrevistados, desejava dizer aos demais adolescentes sobre o quanto “era bom ler”, mas avaliou: “se eu disser, eles não vão dar bola, mas se eu disser na oficina...”

Quanto aos educadores – responsáveis pelas oficinas socioeducativas na época – também foram lembrados pelos adolescentes e, na maioria absoluta das vezes, foram chamados pelos seus nomes, demonstrando uma proximidade não vencida pelo tempo transcorrido.

PPSC: CONTRASTANDO O DENTRO E O FORA

Muitos adolescentes vivem “presos” em suas comunidades de origem. O envolvimento com o tráfico, ou a identificação com certo território por grupos rivais restringe a circulação por outros espaços, reduzindo significativamente suas experiências e a convivência com outros grupos. Observa-se que o cumprimento da medida fora da comunidade – no caso do PPSC, em região mais central da cidade – cria a necessidade de se deslocarem para outro ambiente e fazer outras experimentações. A partir das entrevistas, é possível verificar o quanto foi importante para os adolescentes encontrarem no PPSC pessoas que confiassem nas suas capacidades e que outras experiências pudessem ser vividas ou tomadas como possíveis de serem vividas. O PPSC aparece simultaneamente na fala dos adolescentes como um espaço de proteção e possibilidade de mudança.

Para os adolescentes há uma distinção entre o espaço escolar e o PPSC. A realidade da vila marcada pelo tráfico e pela violência desconsidera os muros da escola e instala-se como elemento comum no cotidiano dos alunos.

Porque daí quando tu vai pro colégio de manhã, já tem gente fumando maconha na frente, já tem as guriinhas pulando muro pra ficar com os caras, pra sair de carro, matar aula. Então que adianta ir no colégio pra... (F.C.C.)

Em contraste, o PPSC é descrito como espaço onde outras conversas e outras experiências são vividas. É como se falassem de uma realidade alternativa que vai se construindo paralelamente à realidade que vivem em suas comunidades.

Ah, e aqui é tri, é um ambiente bom. Aqui é um ambiente que eu vejo assim que te desliga, o cara fica só na vila, na vila, na vila, o quê que tem de bom na vila? Na vila só tem droga e correria e nego falando que vai assaltá e o outro falando que bah o outro tá preso, não tem uma notícia boa ninguém vem em ti “oh tem curso lá, tem um emprego lá. Ninguém. É só coisa ruim, daí o cara tá no meio tá na rua, daí vai de ti, né que quer entrá no meio, só escuta, passo por aqui saiu ali. Aqui mesmo dá pra vir ainda depois das medida, da pra vir ainda, o cara vem porque é um lugar bom, o cara se desliga das coisa ruim. (A.P.M.)

A ideia de duas realidades paralelas diz de uma consciência – por parte dos adolescentes – de que fazer parte do PPSC e viver as experiências propostas não significa necessariamente uma mudança na sua circunstância. Alegam que ao voltarem para casa, à rotina e às relações com o meio onde vivem os reabsorve provocando um tensionamento entre as duas realidades e – por que não dizer – entre dois projetos de vida.

Aqui o cara... Aqui a pessoa era uma pessoa diferente, sabe? Aqui era diferente, mas quando tu saía assim, tu voltava pra rua e era outra coisa. Aqui tu pensa muitas coisa boa pra ti. Tu pensava fazer curso, pensava trabalhar. É difícil. Até o cara conseguir tudo, mas daí quando tu saía pra rua, tu assim meio que te dava uma apagada, mas tu sabia o que tu tava fazendo, mas tu não tinha noção do que tu tava fazendo. Às vezes tu tinha, sabe? Mas tu não tinha um repuxo em ti pra ti não andar naquele caminho. Daí tu ficava em dúvida, mas a dúvida de lá às vezes te vencia porque tu vivia ali. (J.S.C.)

Por outro lado, é importante considerar que esse tensionamento entre duas supostas realidades pode representar o início de uma mudança inspirada nas experiências e planos realizados no PPSC, durante o cumprimento da medida e que o conflito vivido pelos adolescentes coloca em análise aquilo que antes apresentava-se como única possibilidade de inserção no mundo. Segundo A.P.M. “Amadurecê é expandi a mente, é olhá as coisa de maneira diferente. Não é só pensá em fazê. Antes de fazê, entende e pensa.”

A relação com o PPSC é referida pelos adolescentes em diferentes momentos das entrevistas. As coisas que lembram, citam, rememoram, falam de um vínculo mantido com o Programa – apesar do tempo – e de uma relação respeitosa construída a partir de uma medida socioeducativa, mas jamais restrita a ela. Lembram-se de situações, nomes de educadores da equipe, dos orientadores com quem conviveram nos setores onde realizavam suas tarefas, e, em especial, lembram-se das oficinas socioeducativas e da experiência de estarem juntos. O contraste proposto pelos adolescentes entre o PPSC e a realidade vivida na comunidade de origem – o dentro e o fora – evidenciam o quanto a falta de oportunidades marca suas vidas. Uma vez vivenciando outras experiências, em outro contexto de relações, percebem também alternativas de inserção e relação com o mundo e, a partir daí, o conflito. Ressalta-se, no entanto, que não estamos falando de uma “escolha” simplesmente. Estamos falando de uma realidade imediata difícil de ser enfrentada e que a experiência no PPSC, embora importante, não tem o poder de provocar uma mudança direta nas condições existenciais de cada adolescente. Vislumbrar outras possibilidades é um bom começo e pode construir no adolescente a capacidade de crítica sobre sua circunstância, mas isso ainda não é a mudança. A mudança requer investimento sério nas políticas públicas para a juventude e alternativas de inserção suficientes para que possam, aí sim, fazer escolhas.

REFERÊNCIAS

OLIVEIRA, M.; SANTANA, F. Acompanhamento. In: LAZZAROTTO, G.D.R. (et al.). **Medida Socioeducativa**: entre A & Z. 1. ed. Porto Alegre: Evangraf, 2014, v.1, p. 21-23.

